

# DUAS OU TRÊS PÁGINAS DESPRETENSIOSAS

TWO OR THREE UNPRETENTIOUS PAGES

Vicentônio Regis do Nascimento Silva<sup>1</sup>

Resenha do livro:

SIMON, Luiz Carlos. *Duas ou três páginas despretensiosas*. Londrina: EDUEL, 2011.

[...] sutilezas são acentuadas ainda pelo caráter híbrido de que a crônica se reveste. É arte, mas também é jornalismo; é literatura, mas também é comentário dos acontecimentos cotidianos recentes; é espaço de reflexão ou de exposições líricas, mas está cercada, por todos os lados, de informação (SIMON, 2011, p. 190).

Reunião de alguns textos inéditos e de outros publicados em livros e periódicos científicos, a primeira impressão que se tem de *Duas ou três páginas despretensiosas* é que seu autor, Professor da Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina, defende a crônica e a afasta da marginalização, propondo a reabilitação do gênero que, se por um lado, obtém prestígio no ensino médio, por outro, enfrenta o ocaso nas grades curriculares das licenciaturas de Letras.

O primeiro capítulo – *O cotidiano encadernado* – discorre sobre as crônicas (esportivas, políticas e policiais) publicadas em jornais e, posteriormente, em livros.

Discutindo o viés literário ou jornalístico (assim como os efeitos que a mudança de suporte causa nos leitores), o pesquisador lista estudiosos que estabelecem conceitos relevantes ao gênero, destacando-se Antônio Candido (transitoriedade e efemeridade), Davi Arrigucci Jr. (mérito literário intrínseco), Afrânio Coutinho (gênero anfíbio passível de publicação tanto em jornal quanto em livro), Massaud Moisés e Alceu Amoroso Lima (ataques à crônica em livro), Eduardo Portella (o formato em livro alçou a crônica a gênero literário específico e autônomo), Eduardo Portella e Massaud Moisés (ênfaticam transcendência e poeticidade).

Além do embasamento teórico pormenorizado pelo pesquisador, a crônica também é sucesso de público conforme apontam as expressivas vendas de livros. Sem, no primeiro momento, debruçar-se sobre a estética, quatro autores são

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009). Doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. vicrenos@yahoo.com.br

apontados: 1) Rubem Braga – vários de seus livros alcançam dúzias de reedições, investindo-se em projetos gráficos apurados; 2) Carlos Drummond de Andrade – mais conhecido como poeta do que como cronista, suas obras atingem grande número de reedições, em alguns casos aproximando-se dos números da produção poética; 3) Luis Fernando Veríssimo – autor de mais de 50 títulos, consagração transferida dos jornais às livrarias, cinco milhões de exemplares dos quais três milhões desde 2000. Com a editora Objetiva, 13 títulos entre 2000 e 2004 e, entre 2004 e 2010, mais 13 títulos. O primeiro deles – *As mentiras que os homens contam* – supera, em três anos, 25 edições e 310 mil exemplares; 4) Martha Medeiros – publicados a partir de 1995, atingem altos índices de vendagem: *Montanha russa* coroa cinco edições em dois meses. O êxito em *Zero Hora* repete-se em *O Globo*. Atendo-se às reedições, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Antônio Maria são conhecidos de gerações de leitores.

Romancistas e poetas – entre os quais José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Nelson Rodrigues – também alicerçam o êxito editorial. A coleção “Para gostar de ler”, mais de 35 anos em atividade, desperta a curiosidade por seus números: 300 mil exemplares, 91 edições. Já “Melhores crônicas”, lançada pela editora Global em 2003, publica mais de dez títulos em menos de dois anos. O reconhecimento da crônica ocorre no Exame Nacional de Cursos, popular “provão”, com a inclusão de enunciados sobre Rubem Braga e sua obra.

Atestada a importância por meio de dados qualitativos e quantitativos, o segundo capítulo aborda os “impasses em torno da crônica”, ressaltando o surgimento do mote da notícia de jornal. Alcinchado pelo crítico literário Davi Arrigucci Jr. como dono da “sensibilidade da poesia das pequenas coisas”, Rubem Braga é central no entendimento da crônica no século XX. Entre 1960 e 1980, o lirismo atinge o auge. Começa a decair a partir de 1980 quando o humor – diferente daquele atualmente protagonizado por Luis Fernando Veríssimo – encampado por Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta e Antônio Maria ganha espaço nos periódicos. Aos conceitos de alguns estudiosos, acrescenta-se o de Fábio Lucas para quem a distinção entre conto e crônica reside nas tensões: enquanto o conto constrói tensões a crônica enquadra-se em subgênero de jornal. Entre as espécies de crônicas, ao autor do livro interessa as que mesclam narrativa, comentário e lirismo.

O capítulo seguinte – *O estudo da crônica sob o foco da crítica contemporânea* – retoma a listagem de estudiosos e estudos. A inovação do capítulo está no exame dos grupos marginalizados (negros, mulheres e homossexuais), a discussão em torno da pluralidade e da convivência da cultura erudita e de massa, a crônica como nova manifestação literária, passando a integrar os estudos acadêmicos por,

entre outros motivos, a ampliação do cânone e a introdução ou ampliação/aceitação dos estudos culturais que jogam luz sobre novos objetos e *corpus*.

*Dimensões e valores em Rubem Braga* indica, a partir de “fatos miúdos”, o emprego de artifícios no deslocamento do trágico ao banal, registrando como a gravidade do suicídio perde-se nas preocupações cotidianas dos moradores onde o incidente ocorre. Os textos não se esgotam na intimidade/vida privada: estimulam os leitores a se reavaliarem tanto na vida particular quanto na pública.

Embora colaborem com sistematizações teóricas, os estudiosos não analisam detidamente crônicas de escritores ou grupos de autores atesta o capítulo *Recuperando o amor com as crônicas de Rubem Braga*, cuja finalidade consiste no exame da memória. As duas dezenas de crônicas analisadas abordam o amor sob o viés mnemônico, dividindo-as em duas categorias: 1) Amor vislumbrado pela ótica predominantemente positiva; 2) Experiência particular proveniente do eu do cronista. Quatro hipóteses são verificadas na análise: a) Quebra do monumental (termo emprestado de Antônio Candido) e da ênfase – o amor, tema monumental, pode ser tratado em uma crônica?; b) Influências exercidas sobre a crônica e sobre Rubem Braga – são observadas influências do modernismo: coloquialismo, lirismo, matérias mais simples do que de outros autores modernistas; c) Posicionamento do eu do cronista diante do tema escolhido: confrontos/convergências com as modificações dos costumes; d) Cultura da memória – contraposições entre passado e presente, ativando o interesse obsessivo de acionar a memória, recurso mediador que transforma as imagens sensuais em prosaicas, atraindo o prosaico ao cotidiano, aplicando o humor de excessos ao amor, recusando os limites da desilusão, exaltando as imagens das mulheres como sinônimo de romantismo.

*Paisagens urbanas: o cronista diante do público e do privado* debate os espaços públicos, apontando a oposição da gratuidade de programas (roda de choro na rua) ao alto custo de vida. O espaço público na cidade propicia oportunidades repentinas de descobrir pessoas interessantes: “[...] o espaço público pode ser fonte de cenas e sensações que tiram o homem urbano da apatia” (SIMON, 2011, p. 124).

O capítulo seguinte foca as relações de Rubem Braga com as estrelas da mídia, considerando esta uma nova linguagem. Embora não se denomine fã de televisão, Rubem colabora por quinze anos com textos lançados no Jornal Hoje, exibido na TV Globo. Recorrendo ao tom anedótico da crônica, cita astros do cinema (principalmente os do período 1930-1960), identificando e ridicularizando as influências sobre os brasileiros. Saindo do cinema e entrando na televisão e, especificamente nas novelas, as atrizes perdem a aura de musas. Encanta-se por Rita Lee. Quando eventualmente a critica, elogia o resultado da conjunção imagem/obra/performance e ataca a padronização das demais artistas.

Refletindo sobre os 50 anos de “Viúva na praia”, *Repercussões cinquentenárias de uma Viúva na praia: releitura da crônica de Rubem Braga* pode ser resumido como “[...] tripé – fato miúdo, humor e lirismo –, acrescento dois outros aspectos: a representação da mulher numa fase de novos arranjos para a relação de gêneros e os traços narrativos que ensejam uma aproximação, e às vezes, uma confusão entre crônica e conto” (SIMON, 2011, p. 151). *O velho Braga: velho e inquieto* capta os padrões ideológicos e políticos – mantidos tanto na velhice quanto na mocidade – que desencadeiam demissões de jornais: em seus textos, promove o contradiscurso à midiaticização.

Cinco crônicas de Carlos Drummond de Andrade e de Fernando Sabino publicadas entre 1960 e 1990 constituem o *corpus* de *A arte de responder e a vontade de perguntar: crônicas sobre entrevistas*. São enquetes de alunos acerca do ofício do escritor. Qual papel (artista, intelectual, jornalista, especialista) o escritor (abrindo-se em reflexões sobre a vida e a arte) representa para o apressado entrevistador (estudante que precisa entregar o trabalho no dia seguinte)?

*Quando o jornal é a matéria: as crônicas de Antônio Maria* envereda pela obra de quem, no depoimento de Luis Fernando Veríssimo, é o grande mestre da crônica. O jornal – especialmente as cartas de leitores descrevendo problemas, requerendo soluções e fornecendo pistas – é o mote de sua escrita.

Identificando perspectivas em Antônio Maria, Rubem Braga e Luis Fernando Veríssimo, *Os cronistas e as mulheres na segunda metade do século XX* destrincha olhares sobre o assunto. Antônio Maria constrói a imagem feminina a partir de abordagens humoristicamente extraídas de noticiários sobre infidelidades, traições e adultérios. Rubem Braga instala o predomínio do presente, marcado pela busca de instantâneos. Perseguindo a neutralidade do narrador em terceira pessoa, Luis Fernando Veríssimo não expõe o eu do cronista. Apresenta mulher questionadora, ousada e de ação. As crônicas selecionadas ultrapassam os limites conservadores sobre a condição feminina.

*O gato e a borboleta: animais na crônica* põe em dúvida os temas considerados relevantes por jornais e revistas. Analisando, por exemplo, crônicas de Carlos Drummond de Andrade, identifica-se a sobreposição de temas pessoais e íntimos – o desaparecimento de um gato ou o surgimento de uma borboleta no café da manhã – aos temas graúdos:

Outros assuntos podem ser “graúdos” desde o princípio, mas isto não impede que o desaparecimento de um gato e a visita de uma borboleta possam dar origem a textos com reflexões grandiosas que atingem número expressivo de leitores. Trata-se de intensificar o trânsito entre a vida pública e a vida privada, localizando, em cenas e situações desta, passagens que importarão também para aquela. O leitor que abdicou de trocar de coluna, deixando de seguir a recomendação do cronista, percebe ao final da leitura que, mesmo estando diante do relato de uma experiência aparentemente

banal e íntima, há uma variedade de conexões que podem ser estabelecidas entre os textos e sua própria vida ou a de diversas outras pessoas. (SIMON, 2011, p. 229)

Antes de encerrar o volume com lista de autores e títulos surgidos entre o século XX e o XXI, *Passeios pela intimidade na crônica contemporânea* trata da intimidade em Luis Fernando Veríssimo. O aporte teórico provém de Richard Sennett e Anthony Giddens.

Em um mundo acadêmico contemporâneo em que o discurso do diálogo entre disciplinas, ciências, teorias e manifestações artísticas encontra-se frequentemente em artigos, minicursos, aulas, conferências e comunicações, *Dois ou três páginas despreziosas* mostra-se leitura essencial aos profissionais ou amadores que pretendem discutir a crônica, gênero robusto e reconhecido que, sem pressa, capta, quando literariamente trabalhada, as famosas diretrizes do novo milênio de Italo Calvino.

*Recebido em 18.06.2014*

*Aceito em 02.06.2015*